



BOLETIM DO MUSEU RONDON

Universidade Federal de Mato Grosso
Cuiabá — Mato Grosso — Brasil

Série Documentos: Fontes Orais

ANTROPOLOGIA

—

Nº 1

—

MAIO, 1985

«Não dispomos de nenhum documento de confronto dos fatos relatados que pudesse servir de modelo, a partir do qual se analisassem distorções e lacunas. Os livros de História que registram esses fatos são também um ponto de vista, uma versão do acontecido, não raro desmentidos por outros livros com outros pontos de vista. A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e seus lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da História oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida».

MEMÓRIAS DE MAXIMIANO ENORÉ

Apresentação

O Museu Rondon, órgão suplementar da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso, inaugura a publicação de seu boletim Série Documentos: Fontes Orais com um depoimento do senhor Maximiano Enoré, índio Paresí desaldeado, cuja história de vida se confunde com a história das linhas telegráficas em Mato Grosso, instaladas pela Comissão Rondon. (+)

Em 1907 o Marechal Rondon deu início à sua expedição para atingir o rio Juruena, fixando um ponto de apoio para o Madeira com o objetivo, determinado pelo Ministério da Guerra, de integrar, pelo telégrafo, as regiões de fronteira e sua população. É também de 1907 o seu primeiro contato com uma aldeia dos índios Paresí, próximo ao rio Sucuruina (Papagaio), na região onde instalou a estação de Ponte de Pedra. Importantes pontos de aglomeração e pouso de seringueiros, tropeiros e comerciantes, as estações Ponte de Pedra, Parecis, Barrão de Capanema e Utiariti passaram a ser também as referências desses índios, especialmente dos que se aproximavam da Comissão em busca de proteção e defesa de suas vidas diante das invasões de seringueiros em seus territórios e das doenças que dizimavam aldeias inteiras.

Os Paresí desempenharam importante papel na expansão, estabelecimento e manutenção das linhas, não só como pontos de apoio. Dentre eles destacaram-se guarda-fios e telegrafistas formados pela própria Comissão, seja pelo conhecimento que tinham da região como também pela eficiência com que desempenhavam suas profissões.

(+) Este depoimento é parte do material de pesquisa do projeto «O Índio no Contexto Urbano», que vem sendo desenvolvido pelas pesquisadoras Maria Fátima Roberto e Edir Pina de Barros, do Museu Rondon. Foi colhido por ocasião da Semana do Índio de 1983, com vistas à confecção do cartaz em sua homenagem.

...«todos os cuidados de conservação das obras da linha, a partir da estação de Diamantino até o Juruena, numa extensão superior a 400 quilômetros, têm estado entregue a esses índios, que deles se desempenham com muito zelo e inteligência. São elles que fazem a limpeza do picadão, reparam os pontilhões e estivados, manejam as balsas de travessia dos rios caudalosos e operam como guarda-fios». (1)

Esses Paresí eram geralmente sem famílias, agregados e tutelados pela Comissão e, no caso dos telegrafistas, iniciados na manipulação do código Morse.

Viveram circulando entre as estações em trabalhos diurnos. Casaram-se com regionais ou índias designadas por Rondon, sustentando suas famílias com salários pagos pela Comissão.

Com o surgimento da radiotelegrafia, a comunicação pelas linhas tornou-se rapidamente ultrapassada, quando ainda os trabalhos da Comissão tinham sido recém concluídos. Os fios tornaram-se inúteis logo depois de colocados. Esse quadro de abandono é retratado pelo antropólogo Lévis-Strauss(2) que, na década de 30 esteve na região:

...«o nascimento da radiotelegrafia, que coincidia por volta de 22 com os trabalhos de acabamento da linha, fazia com que esta última perdesse o seu interesse e fosse promovida à categoria de vestígio arqueológico...no próprio momento em que se acabava de terminar. Conheceu uma hora de glória em 1924, quando a insurreição de São Paulo contra o governo federal cortou as comunicações deste com o interior. Pelo telégrafo, o Rio continuou em comunicação com Cuiabá via Belém e Manaus. Depois foi o declínio: um punhado de entusiastas que tinham procurado um emprego regressaram ou fizeram-se esquecer. Quando lá cheguei, não tinham recebido nenhum abastecimento desde há varios anos. Ninguém se atrevia a fechar a linha; mas já ninguém, também, se interessava por ela. Os postes podiam cair, o fio podia enferrujar».

Com o abandono das linhas, os Paresí envolvidos nesse trabalho não tinham diante de si um caminho de volta. Migraram para as cidades. As experiências dos individuos

Notas:

- (1) «Missão Rondon» — Apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegraphicas Estratégicas de Matto Grosso ao Amazonas — sob a direcção do coronel de Engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon de 1907 a 1915. *Jornal do Commercio* - R.J. - 1916, pp. 279-280.
- (2) LÉVI-STRAUSS, Claude — *Tristes Trópicos* (1955), Edições 70, Lisboa, 1979: 257.

levaram a um modo particular de manifestação de um «ser» Paresí, que se constitui a partir e através da própria história da Comissão. Hoje restam algumas famílias vivendo em Cuiabá, em certos bairros, orgulhosos de seus trabalhos junto a Rondon, vivendo da sua memória, à espera de algum reconhecimento por parte das autoridades.

O sr. Maximiano Enoré cansou-se de esperar. Morreu no dia 19 de fevereiro de 1984, em Cuiabá, onde passou a viver desde 1950.

Maria Fátima Roberto



LA AGENCY
ISA

MAXIMIANO ENORÉ

* 27.01.1900

† 19.02.1984

«Nasci num lugar...Lagoa Rosa, onde falecido papai trabalhava na seringa, na borracha. E ali nós conviviam muito tempo, que ele trabalhava na borracha. Eu já estava assim na idade de 4 a 5 anos quando papai era vivo ainda, estava junto com nós. E passado... eu já estava com 6 anos quando mamãe faleceu. Aí passado mais um ano meu pai faleceu. Aí fiquei sózinho. Aí eu fiquei no poder dos parentes, com eles. Passei uns anos assim nessa vida. Não é na aldeia. Era perto de Diamantino, que antes era muito frequentado. Então eu estava sem pai e sem mãe. E quando foi um dia apareceu a comitiva do Rondon. Estavam construindo a estrada de Paresí pra frente. Com o comitiva de... quer dizer, que o serviço ... ele estava abrindo a estrada com duzentos e tantos homens, soldados. E quando foi em 1900... não, 1910-1912 que os Paresí tiveram contato com Rondon, primeira vez. E aí então eles tiveram... quer dizer, num conhecia, tava no meio de pessoa desconhecido. Então Rondon agradava eles. Tá, nós somos amigos, tá. Os Paresí ficaram com ele ali conversando. Ensinando a língua nossa pra ele e tudo. E aí ficamos amigos. E daí em diante o Rondon toda vez que fazia excursão dormia com eles. Feliz que ele ia pro rio. Quando voltava, de ano em ano que ele voltava, fazer excursão. Aí foi na segunda viagem, eu ainda estava com oito anos, aí tinha mais criança, tinha professora de dar aulas pras criançada da escola. E Rondon já tinha providenciado uma escola num lugar, o tal da Ponte de Pedra. Lá fizeram... abriram uma escola chamada é... o nome... é Escola dos Indígenas, né? E nisso bem ali eu fui entregue para uma família de tele-

grafista que estava trabalhando lá. Eu entrei com recomendação de Rondon. Fiquei no poder desse aí. Eu tinha um irmão também que chamava Frederico. Ficamos nós dois juntos com eles durante seis anos estudando. Quando eu já estava no 4º ano e meu irmão no 5º ano, convidou. E todos aqueles alunos que fosse graduado no estudo, tinha que ser... tinha que ir para o Rio, por lá... pra estudar. Aonde foi escalado meu irmão, pra estudar no Rio. Ele estava estudando lá e mais tres que tinham ido com ele estudando. E passado tempo eles... o meu irmão morreu em negócio de 1918. Faleceu lá no Rio. Aí eu fiquei sozinho. Eu tinha sido convidado também pra que fosse pra lá. Mas eu não quis. Até podia ter ido. Podia ser hoje em dia ser alguma coisa. Mas eu não consegui porque fiquei trabalhando. Eu já estava no 4º ano primário. Eu já estava lá estudando manipulação de Morse, essas coisas. E quando foi em 1915, eu já sabia manipular... que os telegrafistas me convidavam. Você faz serviço aí pra mim? E eu fazia serviço tudo pra eles. Fazia um radio. E assim eu fui pegando o serviço da repartição de vagarinho. Tudo que eu fazia saia bem. Eles ficavam satisfeito comigo. Tava indo bem. Fazia todo esforço para aprender. E quando foi em 1918, ele me escalou como auxiliar de telégrafo. Como praticante. Já ganhava 80\$000 réis naquele tempo. E era dinheiro. Naquele tempo era dinheiro. Eu tinha 18 anos. Dezoito anos... quando foi em 1919 o telegrafista falou assim pra mim: voce já está pronto para trabalhar. Vou me casar.

Aí eu fiquei lá tres meses, segurando pra ele, pra ele casar aqui em Cuiabá. E aí depois ele voltou. Aí eu fui escalado pra ficar em Vilhena. Vilhena naquele tempo era sertão bruto. Havia somente dois guardas e dois telegrafistas. Lá era lugar de coletora, aonde coletava serviço de Amazonas, Porto Velho, esse mundo todo. Tinha muito serviço. Lá trabalhei dois anos; quando foi passado tres meses eu voltei outra vez para Utiariti, onde permaneci trabalhando lá, nessa estação de Utiariti 6 anos. Eu já estava com vinte e tantos anos já. Em 1923 me casei com a primeira mulher, em 1923. Estava com 23 anos. Aí quando foi em 1924 teve uma vaga em uma estação de telégrafo. E aí Rondon falou para o chefe que podia aproveitar...me aproveitasse nessa estação que tinha desocupado. O telegrafista tinha pedido demissão do serviço. E eu aproveitei e entrei

no serviço de telégrafo em 1924. E continuei trabalhando com esforço. Fazia tudo bem. Eles gostavam do serviço meu. Eu não era relaxado no serviço. Fazia tudinho. Bom, depois passado... me indicaram nesse lugar que chamava...até hoje em dia virou um mato. Lá é um sertão outra vez. A estação onde eu trabalhava era uma estação com cobertura de zinco. Mas todo já estragado. Eu tive ali nesse lugar 13 anos. Perto de Utiariti, pra cá doze léguas. Lá eu tive 13 anos. Depois... passado o tempo ... eu me achava bem lá. Bem localizado. Tinha criação de porco, tinha criação toda... rez. Eu já tinha... bom. Aí eu fui transferido para continuar a vida dali. A terra não era minha, né? Quando foi um dia, de repente o chefe da coletora de Parecís abandonou serviço. Aí o chefe me designou para Parecís, trabalhar na coletora. Isso em 1940 já, que fui para Parecís. Fui trabalhando naquele serviço e fui trabalhando. Quando foi... já estava com 2 filhos já rapaz. Um 10, outro 9. Minha mulher era Paresí. Ela também sabia trabalhar em Morse. Quando eu saía assim na caçada, ela ficava... tomava conta da estação pra mim. Eu que ensinei. Eu tenho 2 meninos que eu ensinei e que hoje em dia um é telegrafista e outro guarda. Mas esse também trabalha no negócio do telégrafo. Ele trabalhou uma porção de tempo no morse. Mas ele não quis seguir carreira de telegrafista. Ele foi guarda fio. E o outro se esforçou, fez o teste de telegrafista e passou no teste e ficou como telegrafista. Hoje em dia todos os dois estão aposentados. Um chama Laudelino Enoré e o outro Nelson Enoré. Ele mora aqui. Bem aí (nota: Vila Ipase, ao lado da UFMT). Ele é o pai do Roberto Enoré (nota: servidor da UFMT).

— O Senhor é Paresí de que aldeia?

— Eu não sei declarar que... eu não fui criado na aldeia. Quer dizer que eu fui convidado quando eu fui recolhido para entrar na escola. Eu vivia no poder dos pais... e não tinha aldeia, não tinha nada, naquele tempo. Não existia nada. As aldeias já tinha sido extinta muitos anos.(...) Já tinha padre por ali. Perto de Diamantino. Tinha padre aí, em Diamantino.

E assim eu fui continuando a vida. E depois que... em 1950, eu já tinha as crianças... já estavam afirmado por mim. Já tinha mais de dois filhos. Eu tenho um filho já formado aí.

Trabalha em um escritório em Cuiabá. Chama Gerson. Ele está estudando pra engenheiro agrônomo aqui na universidade. Ele sempre vem aí. Ele é um gordo. Ele está aí. Está continuando o estudo dele. Está trabalhando. Pelo menos paga a escola dele, tudo. Está indo bem. Casou, já tem dois filhos. Encaminhado. E comigo tem um já grande. Então eu queria procurar um serviço pra ele na Assembléia Legislativa.

Eu vim morar aqui em 1950. Daí eu tirei o tempo, o meu tempo de serviço... 35 anos! Eu requeri aposentadoria e aposentei em 1957. Agora quanto? Vinte e seis anos. né? Não é? Em 1957... e agora 1983 ... são 26 anos. Vinte e seis anos que estou aposentado.

— **E depois que o senhor veio para cá, como é que ficou a vida?**

— Melhorou, mas porque eu felizmente ganho mais ou menos, né? Hoje em dia eu faço cento e tantos mil cruzeiros. Já dá, né? Tenho duas filhas e tenho tres filhos. Um chama Adão Enoré. A outra menina até queria vir agora. Não achei ela lá. Ontem ela me falou: papai, amanhã vou com o senhor lá, conversar lá na escola. Aí eu cheguei lá e não achei ela. Pois é, o negócio é assim. Agora a vida do Rondon foi uma ... todos os índios gostavam muito dele. Chegava assim, quando ele ia fazer excursão onde tinha a tal da maloca, que chamava o nome dela, da... deve ser aldeia, né? Chegava lá e vinha certinho no pessoal. Casa por casa. Ele falava a língua deles. Não tinha o que não falava. Quando ele chegava, ele falava: como vai, minha filha? Então os índios, as índias falavam pra ele assim «anoto utainapita». Quer dizer: com saudade de você. É sim. Cumprimentava e todo mundo falava a mesma coisa pra ele. Aí ele falava: «natô estiné», que quer dizer eu também. É interessante. Falava e ele respondia. Todo mundo gostava dele.

Eu esqueci de contar outro pedaço... que eu estudei na coisa de escola. Teve escola de música. E eu, nós tínhamos. Tínhamos escola de música, e nós fazia banda completa. Tocava. Tinha escola de mecânico, sapataria, carpintaria, marceneiro. Então, nas horas de folga eu ia na escola deles, de música, de sapataria e eu aprendi um pouco de cada coisa.

— **E o senhor toca?**

— Toco sim... Tocava, mas fiquei sem dente. Tocava bombardinha e trambone. A escola era lá no Utiariti. Lá que nós foi transferido pra lá e ficamos lá seis anos. Parece que 10 anos. Não estou bem recordado. Daí, depois que eu fui colocado na repartição a banda foi extinta. Porque os alunos que tinha, que nós tocávamos juntos, tudo junto, foi tudo extinto também. Foi na ocasião que acabou a escola de lá quando o serviço de Rondon foi extinto também. Missão Rondon que nós chamava o nome dela. Era da linha daqui pra Porto Velho. Acabou tudinho. Acabou tudinho. Hoje em dia lá não tem registro e nem certidão de onde a gente trabalhou. Foi em 1935, que já tinha extinto. Acabou tudinho. Tinha maestro que Rondon conseguiu não sei onde. Os músicos era nós mesmos. Todos Paresí. Tinha uns quinze. Quinze músicos. Que estudou comigo tinha uns 40 alunos, jovens Paresí. É, que Rondon mandou buscar. Os professores vinham do Rio. Do Rio. Nosso professor era um tal de Rubens de Melo. A senhora dele era nossa professora, era formada. É... chamava Dona Olga. Era muito boa. Desse tempo, eu recorde. Tantas coisas que passava. Nós vivia na alegria. Hoje eu vivo, hoje em dia, eu vivo triste, aborrecido. Que perdi a mulher. Fiquei desnorteado aí. Vivo só na tristeza, no aborrecimento. Minhas filhas, filhas não ajuda em nada. Eu tenho dois meninos que crio, as crianças de Eva (filha). Não viram ontem lá? Aqueles, eu que estou criando eles. Eu tenho, só neto, parece que eu tenho dezesseis. Tudo aqui em Cuiabá. Eu tenho mais ou menos quinze bisnetos. É. E já estou pra alcançar tataranetos. Eu tenho uma bisneta que já está... já casou, já está grávida e nestes dias vai ter criança. Aí vou receber tataraneto.

— **O senhor casou mais uma vez?**

— Casei. Com essa que eu casei primeiro durou só treze anos. Aí ela faleceu. E daí passado uns cinco anos eu casei outra vez. Que eu vivia só trabalhando. Não tinha folga pra nada. Aí eu resolvi me casar. Vim aqui em Cuiabá e me casei. A outra era goiana. Essa que morreu aqui. A primeira era Paresí e a segunda era goiana. Casei só duas vezes. É. Agora vivo na solidão.

— **Então, seu Maximiano, conta... o senhor está lembrando de mais alguma coisa?**

— Eu vou falar mais. Eu vou contar uma passagem de Rondon, quando ele fazia expedição dele, lá no Amazonas, por esse mundo. Numa ocasião ele trouxe do Rio de Janeiro, trouxe Roosevelt, que era presidente da República dos Estados Unidos. Eu cheguei a conhecer ele. Tava pequeno mas eu me lembro bem. Então eles viajaram e chegaram até para lá de Vilhena. Tinha um rio e nesse rio, que hoje em dia chama rio Roosevelt... onde Rondon bateu com ele para sair lá no Amazonas. Mas eles não foram felizes porque houve um naufrágio com eles. Perderam tudo quanto tinha. Armamentos, cereais, tudo, perderam tudinho. Ficaram só com a roupa do corpo. E aí Rondon falou pra eles: agora vamos criar coragem, que nós não temos mais pra onde apelar. E daqui no Amazonas tem muitas léguas ainda pra sair. Mas temos que ir a pé. E assim eles foram descendo rio abaixo, acompanhando o rio.

— **E o senhor estava junto?**

— Não senhora. Eu tinha um livro dele, desse tempo. Que ele fazia contava tudo. Um livro grande, eu tinha ele. Já acabou. Então quando eles chegavam num lugar eles não tinham o que comer. Comia fruta. Qualquer fruta que eles encontrava, comia. Não podia... não tinha espingarda pra matar bicho pra comer. Aí andaram muito dias. Depois de muitos dias chegaram numa barraca de um seringueiro. Já lá perto do... não sei onde... não sei o nome do lugar. E encontraram um rancho aonde tinha couro de boi, na beira, no varal. No Pará tem boi, né? E aí Rondon disse: deixa eu ver nesse rancho o que tem nele. Tinha couro! Aí falou para os companheiros: olha, vamos comer esse couro... Já fazia quantos anos que tinha esse couro pendurado, né? Aí então apanharam o couro, meteram no rio, lavaram bem o couro, pôs ele no molho e depois que já estava bem macio, a pele do couro... O couro estava macio. Agora vamos fazer fogueira para assar o couro para nós comer. Lavaram bem o couro e depois jogaram na brasa. E ele tostou! Ficou fôfo! Aí ele falou! vamos dividir. Para cada um, um pedacinho desse, porque senão não vamos almoçar e também jantar desse mesmo. E daí eles comeram o pedaço de couro sem

mistura, sem nada. Puro, puro! Daí quando foi noutro dia eles andaram uma porção de dia e acharam uma morada, onde tinha gente. Tinha mamão, tinha de tudo, cana, tinha toda plantação na roça do homem. Chegaram lá e os homens correram. O dono da casa correu deles porque estavam tudo nú, tava só de guarda calção, né? Quando viram... ah! É gente estranha, é gente ladrão! Aí correram deles. Aí Rondon falou: não, não corre não que somos nós. Nós estamos perdidos. Quero que vocês venham aqui fazer uma bóia pra nós comer. Nós tá danado de fome. Aí então eles voltaram. Aí Rondon explicou tudo pra eles. Mandou matar uma galinha, tantas coisas fizeram pra eles comer. Aí para cada um deu uma calça velha pra poder continuar viagem, né? Pegaram embarcação e foram sair no rio Amazonas. Aí foram embora pro Rio. Tinha uma rapaz* que até fez uma reportagem, esse jornalista que me pediu e que me pegaram de surpresa. Estava com calor, estava sem camisa, estava só de calção... lá em casa. Nós viemos aqui pra fazer uma reportagem à respeito de Rondon, não sei o que... Aí andei contando pra ele. Esse jornal parece que viram ontem, né?

— **É, já vimos.**

— Daí Rondon ficou todo ano pra fazer excursão e pra chegar lá tocava banda de música. Ele tinha quatorze cachorros. Só de raça! Parece que era guarda-costas dele. Cada lugar que chegava ele mandava matar um boi. Só os cachorros comia um boi. Lá perto da Ponte de Pedra os cachorros acharam uma onça. Aí eles estavam com um filho do Benjamim, um irmão, filho dele. Aí ele... esse bicho aqui, vou matar esse bicho. Aí saíram de carreira pra lá. Cachorrada estava acuando. Cachorrada acuou ele no pau. Benjamim atirou e não acertou. Aí Rondon... me dá aqui essa espingarda que eu vou acertar nela. O Rondon apanhou a espingarda... que eu vou acertar nele. E atirou na onça, cepo de onça pintada. E ainda falou pra filho dele: olha aí, assim que a gente atira. Matou o bicho.

— **Como é que era a vida do trabalho do senhor no Utiariti?**

— No Utiariti eu trabalhava só no telégrafo. Passava serviço pra lá, pra cá, passava pro Amazonas, prá... Morava lá mesmo. Rondon não pagava nada. Morava dentro da estação, onde funcionava o aparelho. Não pagava nada, nada.

— **E essas 40 crianças que estudavam? Onde foi parar todo esse povo?**

— Esse aí já não existe mais não. É pouco o que ainda existe. Já morreu quase tudinho. Ficou todo mundo espalhado por aqui, pra cidade. Foram morrendo. Foram morrendo, acabaram... Só existe ainda parece que meia dúzia ainda. Está por aqui mesmo.

— **E essa Maria Caparé, o senhor conheceu o marido dela?**

— Conheci. Quando Rondon trouxe ele pra cá do Amazonas, eu estava em Utiariti. Tava lá chefiando a estação. Quando trouxe ele de lá...

— **Desses que estão vivos, o senhor sabe o nome deles?**

— Não. Alguns. Tem um lá perto do Nelson, pai de Roberto. Mora ali. Eu tinha um xará. Maximianinho. É nosso conterrâneo de música também, de sapataria. Cheguei a trabalhar como sapateiro. Aqui em Cuiabá não. Lá no Utiariti. Lá tinha escola, tinha tudo. Tinha mestre pra ensinar. Tinha ferreiro, tinha tudo quanto era material de ferreiro, essas coisas. Até engenheiro tinha lá. Eu fiquei pensando numa coisa que o pessoal ...

— **E o pessoal da aldeia não reclamava... assim, sair 40 pessoas?**

— Foi morrendo os pais deles, foram procurando a civilização pra cá, pra Cuiabá. Foi espalhando tudinho. Eram tudo órfão de pai e mãe... de tudo. É. Tinha o Posto, que tem da FUNAI, na Barra dos Bugres. Tem bastante lá. Tinha uns quarenta e tanto índios Paresí. Eu fui lá visitar eles uma vez. Faz tanto tempo. Em 1964.

— **Eles era todos órfãos também?**

— É. Todos órfãos. E eles estão lá. Rondon que... quando foi esse tempo do serviço dele, da Comissão Rondon, mandou eles tudinho lá pro Posto. Os que estavam empregados ficaram... assim como eu.

— Escuta, aconteceu alguma coisa nessa época, que morreu tanto pai e mãe de crianças?

— Tinha a epidemia que bateu, uma doença que batia... a espanhola, espanhola. Gripe Espanhola. E eles não sabiam. Batia aquela coisa neles e eles iam tomar banho... e era a conta. Foi a tal espanhola, gripe espanhola. Morria muita gente, morria. Foi acabando ... acabou todos eles...

— Lá em Bakairí teve uma epidemia de coqueluche que na década de 60 matou quase todas as crianças...

— Lá em Goiás também aconteceu isso... matou tanta gente que tinha que jogar no rio...

— É?! Lá em Vilhena aconteceu um caso grave lá com os protestantes. Acho que ainda foi há pouco tempo. Em 1925. Tinha... os protestantes não podiam andar. Tinha trabalho deles lá, quando... catequizar índios. Índios Nambiquaras. Quando chegaram lá, bateu epidemia neles e os protestantes sem saber, davam remédio. Eles tomavam remédio e ia cair mesmo n'água. Sem saber... não tinha vacina, não tinha nada. E tomavam banho e quando voltavam tavam morrendo. Sem saber... e os índios criaram ódio nos protestantes. Quando foi um dia os índios Nambiquaras apareceram lá decididos. Mataram tudinho os protestantes que estavam lá. De raiva. Diz que eles envenenaram eles, que envenenaram os índios, os patrícios deles. Então eles foram fazer vingança. E mataram... eram americanos. Matou tudinho.

Quando Rondon já estava com linha dele, já tudo localizada... foi no Jurueña... fizeram mudança. Quando foi uma tarde apareceu mais de trezentos índios desses Nambiquaras. O rio lá é grande. Tem mais... uns cento e tantos metros de largura. E então os índios chegaram lá do lado de lá... e de lá tocaram flechas nos soldado. Aí então Rondon falava assim: Não atira neles. Atira não. Tem que... Antes morrer um soldado do que morrer um índio. Assim que ele falava. Morrer um soldado não tem importância não. Morrer um índio não...

— O senhor chegou a trabalhar junto com Rondon? Morar junto com Rondon?

— Eu não sei... Acho que não. Ele passava, quando ele fazia

excursão dele, passava assim uma semana no lugar... noutra lugar... e ia tomar banho com nós. Tomava banho. Pousava lá dentro da aldeia... acordava todo mundo: vamos tomar banho criança? Acompanhava ele. Tomava banho de madrugada. E nesse tempo eu... eu ainda estava soldado do exército. Eu era corneteiro. Então eu tocava alvorada e tudo mundo acordava e ia ao banho com ele. Era assim. Na chegada dele nós tocava, eu tocava continência. Depois nós tocava Hino Nacional na banda. Agora ele chegava... bop... bop... bop... Ele era um homem que não andava assim bem fácil. Era só assim... bop... bop... bop... Quando tocava sentido ele pulava assim... continência... pulava. Saltava assim dois metros e falava: pronto. Fazia gesto. Depois tocava Hino Nacional e ele ficava ali. Depois que terminava o Hino Nacional, ele vinha abraçar nós. Cumprimentava todo mundo. Estava velho já. O Rondon nesse tempo tava... criou bastante reserva pra índio. Ele garantiu bem os direitos dos índios. É tanto que hoje em dia os índios tá tudo bem amparado. Cada tribo tem seus terrenos. Mas foi ele que conseguiu tudo esse. Cada tribo tem seus terrenos.

— **A gente queria saber um pouco mais da vida do senhor, da luta...**

— A luta... foi assim. Eu não tinha folga quando entrei na escola, desde quando eu era meninote. Fui esforçado no estudo. Estudava bastante. Aí não cheguei de formar porque logo eu fui apresentar no serviço. Tive que abandonar os estudos... Deu pra estudar até na 7ª. série primária. Ensinava muito, a professora. Boa pra ensinar. Ela ensinava tudinho. Assim como hoje em dia, sempre eu vejo essas crianças que estudam na cidade. Porque naquele tempo a gente estudava no livro História, Geografia, é... Estudava Ciências, estudava Matemática. Eu cheguei a trabalhar em metereologia também. Lá mesmo, na estação de metereologia. Era muito difícil. Difícil mesmo. Fazer cálculos no rádio, no aparelho... Era uma coisa bem feita. Tinha escola de sapataria, escola de mecânica, escola de marcinaria... tudo tinha. Só para os índios. Acabou porque foi extinto o serviço de Rondon. Acabou. Quase volta do finalzinho de 1930, por aí. Rondon

foi uns do que... foi política também. Ele não gostava de política e ele entrou e perdeu. Quando Getúlio entrou acabou com o serviço dele. Então foi por isso. Foi a política. É, Getúlio não era do governo. Era coisa contrário. Ele perdeu no... Rondon perdeu na coisa do serviço que ele estava fazendo, que ele estava com um batalhão. Era então General Deodoro. Naquela época ele era contra também. E o Getúlio ganhou. Ele perdeu e perdeu o serviço que ele tinha. Comissão Rondon foi extinto. E aí acabou. Hoje em dia não existe mais nada.

— Daí que vieram os padres?

— É, os padres. Rondon não gostava dos padres. Não gostava. Ele era positivista, Rondon. Ele não gostava dos padres. Não gostava dos protestantes. Depois que foi extinto o serviço dele, aí que os padres e os protestantes começaram a entrar. Eles tratava só da religião deles. Catequizar os índios e seguir missão deles também... religião. É, religião nesses índios. Rondon queria fazer uma coisa mais bem feita. Tinha os índios, nós chama Irantxe. Era... uma vez nós fomos numa expedição procurando esses índios. Ele sabia, Rondon sabia que existiam esses tribo de Irantxe e tantos grupos cachoeira abaixo. Andaram lá dois meses atrás desses índios, mas não acharam, só certidão velha, um rancho, queimada. Era... queimada, então só tinha certidão velho. Quando foi um dia, passaram um, dois meses, quando foi um dia, de repente os Irantxe apareceram na porta de lá de onde a expedição morava. Chegaram uns oito. Tudo homem. Isso foi aí por 25, 1926. Por aí assim. Os Irantxe... hoje em dia esses índios parece que não existe mais nada.

— Existe! Existe, ainda tem!

— Porque os padres trouxeram ele aí pra Diamantino, outros aprenderam negócio de guiar carro, motorista. Esses negócio... ensinaram eles. Tem um posto que abriram lá. Tem um terreno de uns 400 ha. de terra para os índios; lá não mora ninguém. Não tem mais índio, parece. Tá tudo abandonado!

Eu vou contar um negócio! Em 1895 talvez, eu não era nem nascido mas contavam os velhos, os patrícios velhos, que contavam para as crianças. Os Paresí tinha muita

aldeia. Tinha mais de duzentas aldeias, os índios Paresí tinham. E quando foi um dia apareceu... apareceu esses homens paulistas... como chama? Bandeirantes... E começaram o serviço de lavação de ouro com os Paresí. Agora quem que queria é... fizesse amizade com os bandeirantes. Agora, os índios gostavam dos Bandeirantes. Agradavam muito bem. E quando foi um dia entre eles desentenderam e houve uma revolta entre os caciques. Então eles pediram para o chefe dos garimpeiros que levasse todos aqueles índios que foram contra. Era mais de 200 índios... 2.000. Porque tinha muitos índios Paresí nesse tempo. E aí o que é que fizeram esses Bandeirantes? Levaram todos de Cáceres para São Paulo... pra fazendeiros, os índios lá pra São Paulo, ficá como escravo! E acabou com os índios Paresí. Acabou Paresí. Alguns que escaparam e fugiram. Escaparam. Porque ainda Rondon alcançou eles. Mas naquele tempo diz que tinha muitos, muitos índios Paresí. Eram muitas aldeias. E assim foi acabando...

— **O senhor sabe que ainda tem 23 aldeias Paresí?**

— Agora nós ficamos na última geração, não é? Dos Paresí... última geração.

— **Mas o senhor sabe que ainda tem 23 aldeias Paresí?**

— Será que tem?

— **Tem. Tem uns 700 Paresí nas aldeias...**

— Tem? Então, que está crescendo eu soube. Até um filho meu estava me falando: papai vamos lá na sua gente? Lá na aldeia. Lá no Rio Verde, perto de Vilhena. Ainda eu tive falando com ela: olha, eu vou lá com vocês. Eu sei que eu chegando lá vai ter tres dias de festa porque seu avô era cacique de aldeia. Meu pai, né? Era cacique. Comandava aldeia grande. É... portanto eles me conhecem como filho de cacique. Eles me respeitam. Quando encontro com eles... me abraçam, convidam pra eu ir fazer visita pra eles na aldeia. Estou querendo até fim do mes... eu vou lá na aldeia dos índios. Vou. O menino meu que quer que eu vá lá com ele. Eu soube que lá tinha muita gente já, já progrediu muito, não é? No Rio Verde. É lá que eu vou.

- **A aldeia do senhor era no Rio Verde antigamente?**
- Não. Era em Parecis mesmo, era aí que era aldeia dos Paresí. Porque eles tem seu território. A divisão deles da terra, não é? Era tudo dividido. Quando esses índios brabos que... que andava pelo terreno de um, eles brigavam. Brigavam... Eles lutavam. Porque os Paresí nunca foram força de matar gente, essas coisas não.
- **Mas tem muito menos terra já, não é?**
- É. Porque vai chegando fazenda... que tem lá é ouro, essas coisas. Até General Rondon descobriu uma mina de ouro e esse escapou, esse negócio de notícia de mina que ele descobriu. Então ele chamou o nome de Urukumakum, era o nome da mina, essa... Entre... fica entre a Bolívia, nesse meio aí. Veio uma expedição com um engenheiro e o engenheiro descobriu. Tinha muito ouro. E esse aí nunca foi descoberto. Tinha um velho que contava também assim... nós estávamos no meio da riqueza e ninguém vai descobrir. Porque fica muito difícil. Tem tres serras e dentro dessas tres serras está a riqueza. E o Rondon achou! E naquele tempo o engenheiro era um engenheiro bom. Usava aparelho, essas coisas pra descobrir mina. E ninguém descobria. Foram uma porção de vezes, uma porção de gente pra lá, mas nunca descobriu. Aí que foi um engenheiro, um tal de Aníbal. Foi daqui.
- **Quando o senhor veio para a cidade, o senhor estranhou?**
- Não. Quer dizer que eu... toda vez, quando eu estava como funcionário lá em cima, todo ano eu vinha aqui no Cuiabá. Passava por aqui. Passava um mes e voltava outra vez. Nas férias, tempo de férias. Naquele tempo as coisas era mais barato, favorecia muito a gente que ganhava pouco. Um trabalhador ganhava 90\$000 réis por mes. E agora quem tem família? Desse 90\$000 réis descontava e ficava só com 30\$000.
- **O senhor falou da sua primeira mulher, Dona Marcolina... como o senhor conheceu ela?**
- Eu conheci porque eu estudava abaixo do Utiariti, lá...

umas vinte e tantas léguas. E ela estudava lá no Utiariti, numa escola. Então a professora dela era muito boa. Então nós fomos transferidos pra lá. E lá, nós pequenos... onde ela estudava, nós estudava também. Estava lá estudando. Ela era uma órfão também, de pai e mãe. Então ela vivia junto com uma família assim... essa que era professora, esse que era marido da mulher, da dona Olga. Dona Olga era professora de Utiariti. Eles são carioca. Lá que nós conhecemos. Aí, a professora gostava muito de mim. Tudo que é serviço que ela mandava eu fazia. Então ela gostava muito de mim. E tinha um rapaz... essa Marcolina. E quando foi um dia, eles me chamaram e disseram assim: Maximiano, nós gostamos muito de voce e aí tem um rapaz que está namorando a Marcolina. Mas nós não queremos, não aceitamos. Você é o único rapaz que é trabalhador, é esforçado. E que nós podemos fazer casamento seu com ela. E eu ainda disse pra ela assim: eu infelizmente ainda não quero casar e tal. Aí... ele... a hora que chegar, pode casar daqui há um ano. Fiquei esperando. Aí quando foram no Rio levaram ela lá e passaram quase um ano lá.

- **O senhor não queria casar porque achava que estava muito novo ainda?**
- É. Assim mesmo o juiz não queria que eu casasse com ela porque eu era muito novo ainda. Naquela... era difícil negócio de casamento. Era duro. Não tinha 25, 28 ou 30 anos, não casava. Eu estava com 23 anos. O juiz era... num dá pra voce casar ainda. Aí lá, no registro lá, o padrinho do casamento registrou com ele e conseguiu. Ela estava com 17 anos. Nova ainda. E então fizeram... então eu me casei pra fazer gosto dos professores dela, que era muito bom pra mim e pra ela também. Me ajudava muito. Ajudava muito ele, quando fiquei tomando conta da estação. Nós era dois telegrafista e não tinha serviço. Aí quando foi um dia eu falei para o colega meu — chamava Leonardo — era cuiabano. Ele falou assim: o senhor, ele falou assim, quase que não tem serviço aqui. O serviço aqui cabe só pra mim. Pra você não sobra nada. Tinha seis horas pra fazer chamada e ainda tinha tres pra mim. Fora dos horários dele, eu que fazia

tudinho o serviço. Pra nós dois num dava. Sobrava gente. Ficava aí à toa. Aí eu falei pra ele: eu não gosto de estar à toa assim, parado. Sabe que eu gosto de trabalhar bastante. Aí ele conversou com o inspetor de linha. Olha, eu tenho uma vaga pra ele aí. Ele pode tomar conta do pessoal, dos guardas aí. Fazer construção de linha. Ele pegava 12 homens. Eu estava com 17... não, com 23, 24 anos. Aí tomava... passava meses e meses instruindo o serviço que o pessoal fazia. Fazia reconstrução de linha, fazia todo serviço. Fazia ponte, fazia rancho. Tudo isso é coisa que eu fazia, e com gosto. E o encarregado ficava muito satisfeito comigo. Trabalhava direito.

— **Mas os professores, eles que arrumavam os casamentos assim?**

— É, eles tinham que... Rondon tinha recomendação pra eles. Pra que fizesse todo esforço e o que eles fizesse estava bem feito. Então nesse... os homens faziam tudo isso. Eu não quis casar, mas de jeito nenhum. Eles falaram: voce tem que casar porque é a única pessoa que nós podemos fazer casamento com ela. É só você. E foi assim. Sem namorar, sem nada! Fiz o gosto dos professores deles. Vivemos só treze anos, que ela viveu. Que vivemos juntos. Ela faleceu em 1933.

— **Como é que a gente daqui da cidade vê o índio?**

— É... pois é. Aqui mesmo tinha um Borôro que formou. Ele até foi colega de minha menina. No Rio, teve uma escola ele formou e tudo. Ele veio embora aqui pra Cuiabá. Aqui ele abandonou tudo o estudo dele. Abandonou tudo quanto é... não trabalhava, nem nada. Ele vivia só à toa, perambulando aí pra rua. Ele era formado. Entanto ele não tinha emprego. Rondon não arrumava emprego pra ele, que ele era muito relaxado. E o Borôro um dia aborreceu e foi embora pra aldeia. Voltou outra vez. E lá na aldeia dele diz que falou assim: eu não posso viver no meio da civilização. Não acostumo. Não tenho coisa de viver no meio de civilização. Todas as coisas é difícil. Tudo depende de dinheiro. E eles acreditando... não trabalhava nada. Quem não trabalhar não tem

dinheiro. Então ele procurou aldeia. Eu não sei se já morreu, se... voltou pra aldeia o Borôro.

— **Mas é difícil mesmo, não é?**

— É. Porque não dá auxílio. Pra viver assim como hoje em dia, e as coisas difícil como nessa época em que estamos... É difícil viver sem emprego, sem nada de vez. Todas as coisas ficam difícil. É isso que acontece. E ninguém ajuda, não é? É, é isso. Agora, pessoa esforçada tem valor...

Agora eu estou descansado. Só me aborrece é... em casa quem faz tudo é eu. Vocês viram minha casa como é que está. Vou reformar aquela casa e vou alugar ela. Eu já achei uma casa aí na Cidade Alta. Vou mudar esses dias. Era para mim mudar ontem, ante-ontem, vou mudar pra ela. Aí eu vou mobiliar, vou arrumar tudinho outra vez. Lá em casa tinha móveis, tinha tudo quando a mulher era viva. Depois foi acabando tudo. Não tem nada. Ficou no relaxamento. Os filhos foram saindo, me abandonaram e eu fiquei sozinho. Eu mesmo faço bóia, lavo roupa à tarde, varro casa. É assim. Só isso que me aborrece mais.

— **E aqui na cidade, o senhor encontra muito com os seus patrícios?**

— Não senhora. Mas às vezes... muitas vezes eles iam lá em casa, sempre vinham lá em casa. Mas agora eles pararam de vir em casa.

— Tem uma moça lá de Barra dos Bugres, da aldeia, que é casada com um Bakairi que mora aqui. É atendente de enfermagem da FUNAI aí na Chácara Ambulatório. Chama Dirce.

— Tinha muitas mocinhas que tinha lá. Quando eu fui lá em 1964 eu... sempre ia lá.

— **E o Daniel, lá do Rio Verde...**

— Daniel, eu conheço ele. Conheço.

— **Daniel viveu muito tempo fora da aldeia...**

— É, eu acredito que ele vivia assim. Não tinha lugar certo dele morar. Ele... o pai dele morreu, mãe dele morreu tudo... abandonado. Daniel, eu conheço ele. O pai dele eu conheci. Avô dele também. Avô dele morreu com 120 anos.

Ainda quando tava com 100 anos casou com uma mocinha e ainda teve tres filhos. Teve tres filhos ainda com a mulherzinha. Ele estava velho, velho já. É. O pai de Daniel morreu novo, quase novo ainda. Morreu com 60 ou 70 anos. Daniel estudou com os padres. Os padres são caridosos. Os padres são esforçado pra ensinar alunos. Quando o Rondon... a escola Rondon foi extinta, tinha um menino que tinha só mãe. Era pobre de uma vez. Vivia uma vida triste, vida de pobreza mesmo! Então ele encostava lá em casa e dava de comer a ele, tudo. Aí ele dormia lá em casa, tudo. Ele demorava muito na estação. Esse menino, ele se perdeu. Ele falava assim pra mãe: mamãe. Aí ela dizia assim: o que é? Respondia: Eu estou imaginando a minha vida. A nossa escola acabou, e eu não sei. Eu acho que vou estudar fora, porque eu queria vence estudo. Aí a mãe dele falava: voce é quem sabe. Voce queria continuar estudo particular, pode continuar. Aí quando foi um dia o padre-chefe lá de Diamantino apareceu lá. Ele chama Zazo, esse aí, Aí ele falou: Zazo, você quer ficar comigo? E lá começou a ensinar ele, ensinou, estudou. Ele fez lá o ginásio, o Zazo. Aí não sei o que é que foi... Ele lá ajudava o padre a rezar missa. Fazia tudo pra o padre. E ele conseguiu fazer... não sei o que aconteceu com ele, não sei. O padre quando veio embora pra cá... largou ele. Ficou abandonado. Aí ele veio aqui pro Rosário. Aí no Rosário tem esses tal de Franciscanos. Esses padres franciscanos pegou ele e convidaram ele. Falou: Zazo, voce já compreende esse negócio de serviço de igreja. Ele falou: eu sei, já trabalhei com os padres de Diamantino, ele respondeu. Aí levaram ele lá, não é? E convidaram. Olha... viram o esforço dele e convidaram. Olha, voce quer continuar seu estudo. Aí ele falou: eu quero. Então nós vamos levar voce pra São Paulo, voce vai ficar lá. Estudou, estudou... hoje em dia ele é padre. Ele vive em Campo Grande. É Paresí. O pai dele tinha morrido, um tal de Antonio que mora aí na Barra do Bugres, que era pai dele. Ele já andou muito. Sempre conto caso dele. Já foi em Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Bahia, tudo quanto foi... ele já... Ficou padre. Padre Franciscano. Rondon fez questão que eu fosse... que estudasse no Rio. Mas eu não quiz.

— **Por quê?**

— A única pessoa que eu me acostumava era meu irmão. Ele faleceu lá e também eu já tava empregado no telégrafo e tava como telegrafista. Tava trabalhando no morse. Já estava fazendo a vida.

— **Quer dizer que o senhor vai voltar para a aldeia no fim do mês?**

— Eu? Não! Eu vou dar uma volta lá. Meu filho me convidou, o Leandro. Falou: vamos dar uma volta lá, conhecer os patrícios. Ainda eu falei, olha... eu sou filho de cacique e eles me conhecem como filho de cacique. Nós vamos lá... é tres dias de festa e a festa deles passa tres noites sem dormir. E a alimentação deles voce... voce não suporta porque eles... eles só comem assado, moqueado, em água... Não sei agora. Hoje em dia está tudo mudado, tudo civilizado, não é? Pode ser que lá vai tratar nós de outro jeito, né?

— **E então, esse negócio de ficar civilizado?**

— É uma vida boa. Civilização em primeiro lugar! Quanto mais civilizado melhor!

— **E se ficar mais pobre?**

— Ah! E aí é destino... E a gente não faz nada... o destino... É que não tem coragem, não tem problema de trabalhar... Eu era guarda. Tinha eu e a mulher. Pra conseguir recurso lá prá... pra tratamento de alguém ficava muito difícil recurso. Que cada lado... ao lado de Utiariti tinha 12 e tantas léguas e pra cá... só em Diamantino. Não tinha muito recurso, outro jeito. E fazia ao todo trinta léguas. Porque o sarampo não esperava. Tinha que morrer.

— **O senhor perdeu dois filhos de sarampo. Quando morava na estação de Capanema. Quando foi isso?**

— Capanema era um Barão, inventor do morse. Isso faz muitos anos já. Isso foi em 1927-1928. Parece que... antes de 1925. Nelson é nascido dia 25 de julho de 1925. Laudelino nasceu em 9 de dezembro de 1929.

— **Só esses dois filhos que o senhor perdeu, de sarampo?**

— Tinha muita doença, maleita, essas coisas batiam assim.

De índio, voce sabe que Rondon disse que a doença nasce de civilização, de civilização. Ele falou. Chegou de falar nisso. Da civilização. Tanto que separou os índios em cada um dos seus postos pra não ter contato com civilização. É... é isso. Isso é o dizer dele, de Rondon.

— **A Marcolina, sua primeira mulher, morreu de que?**

— Morreu de negócio de gravidez, negócio de... de doença de útero.

— **E a sua 2ª. mulher?**

— A outra foi também quase a mesma coisa. Ela morreu aí na Santa Casa.

— **A civilização também trouxe coisa ruim?**

— É... muita coisa, tudo quanto é ruim que é... não sei não...

Por isso que ele afastou os índios. Cada um nos seus postos. Não é pra ter contato com os índios. E ninguém também servia o exército.

— **O senhor não serviu o exército?**

— Servi sim. Dois anos. Aqui mesmo, no 5º Batalhão de Engenharia, nessa construção que Rondon abriu essa estrada daqui para o Amazonas. Tinha o nosso instrutor geral que inclusive chamava Vicente Sombra Pena. Era afilhado do presidente que foi Afonso Pena. Era índio do Amazonas, ele era cabo. Era cabo do exército... esse que era o nosso instrutor. Isso foi em... acho que 1920... 1920. Hoje em dia pessoal, essa rapaziada serve o exército e passa um ano só. Naquele tempo era dois anos que servia.

— **Lá que o senhor tocava trombone?**

— É. Não toco mais. Falta de dente. Acabou o dente. Eu quando tocava de primeiro, me dava dor de dente. Passava semanas e semanas sem tocar. O dente foi saindo assim sem dor. Amolecia, arrancava e jogava. Nem doía nada. Perdi tudo... arranquei tudinho. Fiquei sem dente. Aí

não toquei mais instrumento nenhum. Rondon gostava muito de música. Só os homens que aprendiam.

— **As mulheres aprendiam o que?**

— Estudar, fazer costura, essas coisas. Essa primeira mulher minha era sabida, muito sabida. Fazia costura de tudo jeito, vestido, crochê, ponto de marcar. Tudo ela fazia. Toalha, lençol, tudo bordado. Ela aprendeu até calça. Até paletó. Tudo aprendido na escola.

— **Trabalhava para fora?**

— Trabalhava lá mesmo na casa da gente. Não vendia roupa. Quer dizer que algumas pessoas que iam procurar pra fazer costura. Eles pagavam, né? Era costureira.

— **O senhor nasceu em que ano?**

— Em 27 de janeiro de 1900. Rondon quando subia, levava caixões e caixas de sardinha, leite. Tudo quanto era conserva ele levava pra distribuir na escola. Bolachinha, botacha salgadinha... essas coisas. Leite enlatado. Tudo isso ele levava, tudo do Rio de Janeiro.

— **O senhor esse dia esteve com o governador do Estado não é? A gente foi procurá-lo e não encontramos.**

— Não, não fui lá. Nem posse dele eu não assisti. Eu sempre vou lá na Assembléia que tenho uns amigos meus assim como o Roberto França que é quase meu parente porque tia dele é que acabou de me criar. Ela é quase da mesma idade minha. Casou com 13 anos, e quando ela estava com treze anos ela casou e eu fiquei com ela. Ela não morava aqui, morava no sertão. Ele me considera muito, sempre vou lá. Ele é deputado. Mas ele não vai resolver nada, porque a respeito dos índios só com o Presidente da República. Agora, faz parte também zelar dos índios. Isso é melhor. Se ele conseguir fazer isso, tudo bem, não é? Não digo que ele vai ser governador ruim... Entrando agora, vamos ver o que ele vai ser, não é?

— **Tem muito o que fazer pelo índio de Mato Grosso, não é?**

- É. Ajudar.
- **Agora com essa BR-364...**
- Dos Paresí foi dividido do Rio Verde para baixo quatrocentos e tantos mil hectares de terra dos Paresí, que não são ocupadas pelos índios Paresí. Tem o Utiariti também. Quem está ocupando hoje em dia são os padres que estão fazendo as coisas deles pra lá.

- **Mas os índios tem que ocupar, não é?**
- Mas não tem mais Paresí pra ocupar. Paresí está acabado mesmo. O que tem não vai procurar sertão mais. Quer saber é de cidade, trabalhar... Esses tempinhos, quando eu estive em Barra do Bugres, lá tinha Paresí. Eu perguntei lá quantos índios Paresí tinha, pra aquele encarregado. (Ele respondeu): aqui nós temos 35 Paresí.
- **Agora tem 23 aldeias Paresí. Cada aldeia tem um tanto diferente...**
- Em Rio verde... me disse, tem um rapazinho, um colega meu que morreu há pouco tempo, ano atrasado; um dia ele encontrou com o meu filho Leandro e falou: Leandro, lá naquele lugar do Rio Verde tem muita gente lá. Então esse menino disse: vamos lá dar uma volta lá... pra conhecer os índios de lá. Então eu falei pra ele: você não aguenta, que nós chegando lá vai ter tres dias de festa. Comer só carne assada. Carne assada e mandioca ferventada. Não vai aguentar não.

- **Gostaria que o senhor falasse um pouquinho dos Nambiquaras...**
- Dos Nambiquaras, né? Quando eu trabalhava em Nambiquaras, naquele tempo existia muitos índios Nambiquaras. Sempre vinham duzentos, duzentos e tantos índios Nambiquaras. E eles estavam tudo nú. Quando que muitas mulheres achavam que era imoral, né? Tudo nós. Mulher também nú... os homens. Então aqueles que achavam ruim, fechava a porta e ficava lá dentro. Outros usavam vestido velho pra vir. Era assim... Rondón também dava calça velha pros homens.

- **Mas quem é que achava imoral?**

— Era as mulher... as famílias que existia no lugar. Achava ruim que os índios não podiam entrar assim nú. Mas não podia... muito índio. Quando que vai vestir todo mundo? Ficava nú. Então as mulheres dessas famílias boas de Cuiabá... corria e... fecha a porta, fecha a porta. Enquanto esses índios tiver aqui vamos ficar com as portas fechadas. É uma coisa imoral todo mundo nú... Ah! E aí passava semanas e semanas e o encarregado dava as coisas pra eles: machado, ponta, foice, facão... eles iam embora.

— **Mas ainda tem Nambiquaras que vivem nú...**

— Eu num sei se ainda tem. Pra mim não tem mais. Tá tudo... pra lá hoje e... onde era ponto deles era lá no Juruena. Hoje em dia não tem mais nada lá. Ainda mais agora que está virando cidade. Se ainda existe Nambiquaras, moram lá.

— **Nessa época o enhor trabalhava aonde?**

— Trabalhava em Utiariti.

— **Os Nambiquaras iam lá no Utiariti?**

— No Utiariti? Lá era o lugar deles. Todo sábado eles iam lá. Iam na roça, o encarregado dava as coisas pra eles. Numa ocasião eu fui ver o defeito numa linha de telégrafo, de um telegrafista, que ele era telegrafista. Então ele confiava muito em mim e então me disse: faz quinze dias que está com defeito. Voce que é, entre nós, entre os tres guardas, voce é que fica sempre na linha, então você vê onde está o defeito. Aí nós fomos. Aí nós fomos na linha, verificando de poste em poste. Não achei nada. E nós fomos poste por poste e não encontramos defeito. Falei pro telegrafista: eu não achei nada. Aí ele queria que nós voltássemos pra ver outra vez, como se não tivesse visto. Era umas vinte léguas de viagem. Eu falei: eu não vou mais não. Estou cansado. Ele falou que nós íamos à cavalo. Mas cansa demais. E quando foi numa última viagem que os guarda fizeram... nesse tempo os Nambiquaras estavam transitando embaixo da linha, mais de duzentos índios trafegavam. Então o telegrafista mandou ver dois guardas. Aí os guardas novo ainda... eram Paresí. Um era o Marcelino, outro era o João

Alves. Foram bem armado. Com bala bastante, com caixa de bala, com winchester. E saíram. Ainda falei com eles: muito cuidado, hein? Os índios tá aí. Não dá confiança pra eles. Se o senhor encontrar com algum, o senhor vai andando. Se convidarem, você não dá confiança. Aí eles foram. E eu recomendei pra eles. E agora? Tinha um chapadão que era de seis léguas, sem água, sem nada. Eles estavam... sentiram sede e não tinha daonde apanhar água pra beber. Onde eles se encontraram com os Nambiquaras! Tinha bastante índio. E um deles, esse guarda que maltratava muito os índios Nambiquaras... Às vezes quebrava as flechas deles, cabaça de mel que eles traziam... Então eles criaram ódio nesse rapaz. O outro rapaz pagou o pato das malvadezas que ele fazia pros índios. Chegaram lá e convidaram eles...: tão com sede. Aí eles chamaram assim: Hei! Que é? Aí eles foram pra lá e pediram água. Deram água pra eles, beberam. Era tempo de jaboticaba que tem no chapadão. Na cuia tinha bastante, né? Deram a cuia de jaboticaba e pegaram esse outro que ainda não tinha nada com os índios, era amigo deles. Foi maltratado... matado por causa do outro companheiro dele que era... Eles foram ficando com medo. De repente os índios veio rodeando eles demais. Mataram o outro, simples... simplesmente com uma cacetada com um pedacinho de pau assim na nuca, na nuca dele. Caiu. E o outro desistiu, né? Atirou. Andou matando alguns. Mas os índios eram bastante e correram atrás desse rapaz até... ele cansou e se entregou. Cortaram pescoço dele, perna dele, tudo... virou em pedaços! Aí passou, passou e era o dia de chegada no lugar de onde saíram, Utiriati. Aí falei pro encarregado e inspeção de linha: Inspetor, os índios fizeram matança. Hoje que era o dia de chegada deles, esperamos e nada! E já é de noite. E no outro, mesma coisa. Esperamos e esperamos. Nada! Aí eu falei pro encarregado de inspeção de linha: Convém o senhor mandar atrás esses dois guardas. Esses dois guardas não estão mais vivos. Já está com urubu trepado em cima deles. Aí ele falou: será? Eu falei: será, não. Os guardas que vieram por dentro do Juruena até na cabeceira do São Murtinho... são nove léguas. E pra cá era nove léguas também. Formam 18 léguas. Os outros que vieram...

os guardas que veio do Juruena, esses outros, já tinham chegado. E o do Juruena que vieram para Utiriatí não encontraram com eles. Aí fui no aparelho e pergunte para o colega telegrafista que morava lá, chamado Ângelo, ele era cearense. Olha, os guardas até agora não chegaram. Aí imediatamente mandou nós atrás dos guardas. Quando foi lá pelas quatro horas nós chegamos lá... Não, quatro e trinta ou cinco horas da tarde... tava o corpo do rapaz. Ele estava deitado na beira da estrada. E aí faltava um. Caçamos, caçamos o outro e achamos ele assim afastado do caminho. Correram atrás dele até cansar. Correram atrás dele e mataram ele. Cortaram todo em pedaços. Cortaram o pescoço, o braço, tudo quanto é coisa. Por causa do outro. Ele mais porque ele resistiu, né? Mais por causa disso. E os índios correram. Aí foi aquela lufa-lufa! No dia em que os índios mataram eles, eles foram embora. Não iam esperar ninguém. Chegamos lá só tinha rastro deles, que foram embora. Nem batemos atrás eles, porque nem não ia alcançar. Já estavam há muitas léguas. Aí voltamos. Fizemos o entêrro deles lá mesmo. Eles morreram assim.

— **Isso foi mais ou menos quando?**

— Isso foi em 1900... eu tava trabalhando lá em 1928-1929, foi por aí assim.

— **E isso acontecia muito aqui?**

— Muito! Tinha uma construção que Rondon mandou fazer, uma estação lá em Juruena. Uma estação grande. Uma estação grande, de material. Então mandou seis operários lá pra fazer estação. Naquele tempo as coisas eram no lombo do animal. Aí acabou mantimentos deles. Não tinha onde comprar. Não tinha onde achar. Aí eles procuraram um meio de ir na aldeia dos índios, pra conseguir alguma massa de mandioca... qualquer coisa pra eles se alimentar. Quando foi o engano deles. Chegaram lá, os índios matou tudinho, as seis pessoas. Tudo era carpinteiro, pedreiro e uma mulher. Pegaram a mulher e enfiaram uma flecha bem aqui no peito dela. Mataram...

— **Esses eram Nambiquaras também?**

— É. Os Nambiquaras. Nós fomos atrás eles numa distância de duas léguas ou mais. Onde encontramos eles já morto. Tinha um preto que era maranhense. Era cepo de um preto. Altão, era metido valente, sabido. Ele falava assim: o índio não faz nada! O dia que o índio tocar mão em mim, já sabe! Falava assim. Esse preto pegaram lá na chapada, ele correu. Correu... os índios atrás dele. Pegaram ele, mataram ele e fizeram um buraco assim grande no chapadão, assim no campo e sentaram ele no burquinho assim... e estiraram o pescoço dele. De longe nós avistamos ele. Ele era preto. Ele estava sentado dentro do buraco. E os outros, só um que nós achamos. Não sei se eles levaram o outro. Não sei se mataram. Não sei. Procuramos todo meio de achar o outro, mas não achamos. Acho que ele acompanhou os índios.

— **Era serviço perigoso, então?**

— É! Mataram um telegrafista também. Esse era carioca. Chamava Ortiz. Pois é, os índios chegaram lá e não sei o que que é... agradava eles. Não sei que que foi que mataram ele. Levantaram uma machadada na cabeça dele e mataram ele.

— **Nambiquaras também?**

— Nambiquaras também. Nambiquara era ruim! Nesse tempo era ruim mesmo! Quando a gente andava nesses arrebal-des, tinha que levar dois, tres companheiros, tudo armado. Era assim...

— **Paresí não fazia isso?**

— Não fazia nunca! Os Paresí nunca fizeram isso!

— **Paresí é uma palavra da língua de vocês?**

— Isso foi coisa de Rondon...

— **Como é que é o nome de vocês na língua?**

— Na língua é háliti.

— **Háliti, na língua, é nome de chefe religioso?**

— Religioso e sabido!

— **Todo Paresí é háliti?**

- É. Háiliti. Na nossa língua civilizado é Imuti.

- **Tem diferença entre os Paresí? Entre Maimbaré, Cabixi...?**
- Waimaré e Cozarini são os Cabixis. Eu, na minha tribo chamo Caxiniti. Waimaré é outra tribo. Caxiniti e Cozarini é os Cabixi.

- **•Tinha muito Caxiniti com Rondon? Mais do que Waimaré?**
- Tinha sim. Tinha muitos Cabixis.

- **Essas 40 crianças órfãos que foram para a escola eram todas Cabixi?**
- Tinha tudo misturado. Tinha Caxiniti e Waimaré. Era mais Waimaré. Caxiniti era pouco. Caxiniti tinha pouco.

- **Aí a gente pode pensar que tinha então mais crianças órfão Waimaré do que Caxiniti?**
- É sim.

- **Então quer dizer que os Waimaré tiveram mais doença do que os outros?**
- É sim.

- **A tua mulher, a Marcolina, ela era Waimaré?**
- Ela era Waimaré.

- **Não tinha briga um com o outro?**
- Não, não tinha. Pra que né? Mulher quer carinho. Sem carinho a gente não vive bem. Eu perguntei por uma menina outro dia: Olha, donde que nasce amor, daonde que nasce o sentimento? Aí ela falou: Não sei! Eu disse: mas voce tem que saber! Voce é moça, tem sentimento. Aí depois que ela... hã! Já sei!: o amor nasce do coração. Se enraiza! E daí vai o negócio, né? É a mesma coisa ver uma fruteira que nasce, vai crescendo, né? Dá flor e daí vem a fruta. Uma fruteira que nasce e vai crescendo, né? Dá flor e daí vem a fruta. A mesma coisa é a gente.

- **No mundo está faltando muito amor, não é?**

— É. Hoje em dia, o pessoal de hoje em dia, esses novatos não tem amor mais. Casa por casar. Depois não aguenta, larga. Tem muitos, tenho visto por aí.

— **Porque está acontecendo isso?**

— Porque as coisas estão ficando difícil, não é? Não tem emprego, não tem nada. Voce casa hoje, você amanhã está desempregado. Você fica abandonado. Se for mulher, a mulher também larga voce e pronto! O que acontece é isso!

— **O senhor voltando para a aldeia, vai dar para conversar na língua?**

— Ah! Num dá. Uma vez eu fui na Barra do Bugres e tinha lá uma velha que tinha mais de cem anos. Chegou lá, a velha sentou assim na minha frente e começou a chorar, me contando casos, lembrando o tempo que era moça, que conhecia meus pais, chorando muito. E eu fiquei sem jeito de dar resposta pra ela porque não dava mais pra falar... Aí eu fiquei só olhando pra ela...

— **Mas entendia o que ela falava?**

— Entendia sim, mas pra falar não dava... Fiquei sem saber a palavra que ia falar pra ela.

— **Aí, como é que vai ser quando o senhor voltar? Só vai poder falar com quem fala português?**

— Só português! Hoje a maioria dos índios já sabe português. Alguma coisa né?

— **Seria bom falar na língua?**

— É... A língua... perde o sotaque de falar. Alguma coisa ainda... mas pra conversar assim com os patrícios não dá. Não dá pra falar mais. Perdi o sotaque pra falar.

— **O senhor já esteve em Brasília? com Geisel, não é?**

— Não, com Médici.

— **Que ano foi isso?**

— Em 1973. Ele mandou me buscar, veio uma pessoa de confiança de lá. Nós fomos de avião. Na inauguração do busto de Rondon (nota: mostra uma fotografia sua com Médici e Ministro das Comunicações). Fomos eu, meu sobrinho e outro. Três Paresí, todos aposentados. Um vive em Vilhena, outro em Diamantino.

Entrevista realizada pelas pesquisadora do Museu Rondon Maria Fátima Roberto e Edir Pina e Barros.

